

António Mora

Programa do periódico de Caeiro, R. Reis, etc.

«Programa do periódico de Caeiro, R. Reis, etc.»

Melhor do que enfiar no início, por uma exposição argumentada, ao comunicar ao nosso público, seja ele qual tenha de ser, e de quantos possa vir a ser, será, em breves palavras, classificativamente, enfiar em formulas dogmáticas qual seja o resumo (súmula) da nossa attitude. No desdobrar das publicações aqui a inserir virão, cada uma em sua necessária altura, as provas das asserções que este programa postula, e o estabelecimento definido das bases em que esses mesmos postulados assentam. Por ora, para fins de gravar na mente dos possíveis curiosos deste periódico, limitamos a nossa apresentação a essa sucinta (...) das bases sobre que assenta a nossa attitude.

As cláusulas seguintes encerram-a completamente:

1. A civilização moderna, assente sobre bases de psiquismo cristão, é desde seu início uma decadência; em lugar de se continuar a obra da Grécia, enxertou-se sobre o espírito grego decadente o espírito romano decadente e o espírito semita decadente. A nossa civilização é o produto de três decadências somadas. O que tem de bom provém da neutralização que esses três géneros de decadência por vezes, e em certos pontos, realizam um sobre os outros. Todo o caminho andado, o que verdadeiramente tem constituído progresso, tem sido contrário ao próprio íntimo espírito da nossa civilização.

2. Importa, portanto, acima de tudo, procurar reatar a tradição perdida da obra grega, afastando o elemento romano e o elemento semita, que representam atrasos e degenerescências em referência ao psiquismo grego, formas inferiores de civilização que supuraram ao contacto com a Grécia e a continuaram depois...

3. Para isso importa, antes de mais nada, atacar de frente o espírito filosófico que data, na sua forma mais doente, de Kant, e que pretende centralizar no homem e na consciência individual a realidade do Universo; importa, isto é, reconstruir o materialismo grego (não no sentido de o aceitar tal qual ele era — isso não constituiria progresso) mas de o fazer evoluir.

4. Importa, depois, fazer guerra directa a quantas formas literárias pertencem ao misticismo cristão, varrendo de diante do caminho das nossas ideias os

obstáculos que lhe ergue a convicção da importância da chamada Vida Interior. Reintegrar o homem na Natureza sem o tirar da humanidade.

5. Desfazer o erro enorme que existe em toda a gente moderna de que o ideal grego é sensual ou propriamente animal. O ideal grego é essencialmente de calma e de domínio de si-próprio; só tomou aspecto de sensualidade e de fúria da beleza através dos cérebros grosseiros dos romanos e, depois, coado pela mentalidade confusa dos semitas de várias espécies. O ideal grego é de castidade dentro da normalidade; de equilíbrio dentro da realização dos desejos e dos instintos. No seu grau mais nítido, é representado pelo ideal estóico, essencialmente intelectual, essencialmente triste. O grego era essencialmente triste, como todos os grandes equilibrados, em quem é elemento psíquico basilar a consciência da impermanência, da fatalidade e da futilidade das coisas, sem que haja do indivíduo para si-próprio licença para sonhar além-mundos ou paraísos que nenhum facto natural justifica ou aponta. Platão é a decadência do ideal grego.

6. Combater, dentro dos débeis limites que a inteligência pode ter na sua acção, as ideias imperialistas, colectivistas, humanitárias, (...). As pequenas nações são as únicas que têm direito a existir, porque o único agregado humano civilizado é a Cidade, e o único agregado humano natural é a região. — O indivíduo é a única realidade natural, é através dele e para proveito dele que a sociedade existe; por isso deve ser combatido tudo quanto (...)

7. Qualquer que seja a atitude própria a tomar num período de civilização verdadeira, no período actual a atitude tem de ser adaptada a ele; tem de ser uma atitude de calmo afastamento, de reconstrução por cada individualidade de si-própria de acordo consigo e com as grandes realidades fundamentais do Universo. — Não fazer propaganda ostensiva nenhuma; expor ideias sem querer convencer, deixando que quem quizer a si se convença; não se preocupar com os problemas modernos de espécie nenhuma, nem nacionais, nem económicos, nem estéticos mesmo ou intelectuais. Por enquanto, todo o nosso esforço deve ser criar para nós a nossa atitude, procurar reencontrar a Grécia dentro de nós, formar uma concepção do Universo e das Coisas que seja a necessária e procurada continuação da concepção grega. Se esta atitude tiver de alastrar, ela alastrará por si, sem que tenhamos que chamar a atenção gritando. Todo o entusiasmo é um desequilíbrio. É de mau gosto ser enérgico e intenso. Tudo pertence ao Destino, deus dos deuses.

8. Presentemente, temos que ser estóicos, como foram os últimos representantes do paganismo no meio da febre e da lama do império romano, do lodo

do cristianismo nascente, das invasões espirituais semíticas; o nosso caminho é ao contrário do deles. Eles vieram do paganismo natural para o estoicismo, porque o paganismo em face à civilização do império decadente (às civilizações decadentes) tem de ser o estoicismo. Nós iremos buscar o estoicismo para reatar o fio e ver se conseguimos subir outra vez, mas a nosso modo, às fontes e às origens do espírito pagão. Os estóicos ficaram sem sequentes; seremos nós os sequentes deles.

9. Tudo isto não teria sentido se fosse uma atitude decidida intelectualmente, isto é, concebida como uma filosofia de acção. Os autores que se reúnem para formar este periódico são todos temperamentalmente assim, não intelectualmente. O facto de aparecer num país pequeno mais do que um temperamento deste género é, já de si, indicador de qualquer coisa. Não é pagão quem quer, mas quem pagão nasce. Não compreende o paganismo quem quer, mas sim apenas quem o sente nas veias. Há muito quem ame o paganismo, mas é um paganismo à romana, que não é senão a degenerescência e a doença do outro, porque, propriamente, nem à romana sói ser, mas antes à romana da decadência, ou à moderna, concebendo Grécia através de Roma, e essa Roma através da Judeia que está no nosso sangue. Somos uma mistura de decadências.

10. O facto de que em Portugal aparecem estes temperamentos parece indicar que tem o nosso país que tomar sobre si a vanguarda — talvez inútil — do movimento neopagão. Uma escola dizendo-se neoclássica apareceu em França, mas está tão longe como os outros de sentir a sobriedade do ideal grego; e aliás, é monárquica, imperialista e católica, o que nenhum grego por temperamento pagão pode ser. É uma tentativa de sentir a Grécia, mas é sempre através de Roma, e Roma decadente, que a Grécia é sentida.

11. Nada nos daria maior prazer do que receber qualquer sinal de acordo connosco da parte de quaisquer portugueses que julguem da hora a nossa obra. Mas não convidamos ninguém a procurar-nos. A nossa obra exige que cada um se isole, para ver se se encontra. Todos os esforços são poucos, dada a confusão que nos cerca em tudo, para nos encontrarmos equilibradamente, e não irmos despenhados, como cristãos doentes, pelos nossos sonhos abaixo, nem cairmos na acção, porque isso é próprio de quem não tem nada que fazer. Não falamos com pessoa nenhuma, nem nos dispomos a fazer propaganda da nossa atitude, excepto a inevitável que o nosso periódico faça. Aceitamos de bom grado toda a controvérsia, mas não publicaremos aqui artigos de adversários. A nossa obra é nossa. Responderemos contudo sempre, porque sabemos onde estamos e para onde é o nosso caminho.

12. A calma, a paz e o domínio de si-próprio são o nosso objectivo e o que propomos a cada qual que queira estar connosco; o afastamento da sensualidade, da religiosidade interior, dos instintos humanitários, do sonho e da (...). só numa reconstituição do paganismo dos helenos se pode encontrar o bálsamo para a febre das nossas almas. Procuremos ver as coisas claramente, não pondo ideais nossos adiante dos olhos, graves e tristes como convém a homens conscientes da fatalidade das coisas e da nossa transitória pequenez dentro deste grande e sereno Universo.

II

Para que nada fique por explicar, e como as origens são tudo, pode interessar a alguns leitores saber como nasceu este movimento, que assim tão inesperadamente lhe aparece.

Há quatro anos encontravam-se em Lisboa os três colaboradores desta revista e um outro indivíduo ainda, poeta, hoje desviado infelizmente para atitudes febris místicas, e ébrias de desequilíbrio; não importa, porém — esses quatro encontravam-se em Lisboa há quatro anos. Em todos nós havia uma ânsia — febril ainda — de encontrar aquilo que em nós comumente havia, que não divisávamos o que fosse, mas que era palpavelmente inimigo de tudo quanto nos cercava, desde a arte até à vida. Talvez o convívio despertasse finalmente no maior de todos quatro, enfim, o sentido da nova orientação a dar ao conceito do Universo. Um ano depois Alberto Caeiro leu-nos a série de poemas que vêm publicados adiante, e que formam o grande primeiro passo para o nosso fim. Essa obra que singelamente segue é um marco miliário — ver-se-á depois — do pensamento humano. Pasma-se de que hoje, entre esta gente que nos cerca, fosse possível ir assim reatar o fio da tradição grega perdida. Alberto Caeiro é o maior de todos os poetas contemporâneos, dizemos só isto, porque seria talvez excessivo, posto que verdadeiro, dizer mais. O Guardador de Rebanhos foi para todos nós qualquer coisa como para um geógrafo sonhador da Renascença deveria ser a descoberta da América, se ele pudesse bem medir o que de ali resultaria. Nós medimos bem, e logo, o que era a obra que Ele nos lera. Ele conseguira livrar-se de tudo quanto constitui a alma que o cristianismo nos fez, regressou a um cristianismo primitivo, mais pagão do que outra coisa, e, assim, encontrou outra vez a Natureza, há dois mil anos perdida da inteligência dos homens. Com o Guardador de Rebanhos, o espírito humano fez a coisa

mais importante que há dois mil anos tem feito, regressou ao seu Lar, de um golpe eliminou todas as camadas de degenerescência que Roma e a Judeia nos puseram. Há ainda filamentos de sentimentalidade cristã nessa obra; mas o essencial era descobrir o sentimento naturalista, e isso ficou feito, de uma vez para sempre. O naturalismo apareceu sob uma forma renovada e original. Doravante todas as dificuldades eram secundárias. O corpo do nosso intuito tinha já alma.

s. d.

Pessoa por Conhecer — Textos para um Novo Mapa . Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990: 347.